

NEOLOGISMOS NO PORTUGUÊS DE RORAIMA

DOI: 10.29327/210932.10.2-16

Eliabe dos Santos Procópio
Universidade Federal de Sergipe, Sergipe-Brasil
eliabeprocopio@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-9766-1686>

Everton Oliveira Silva
Universidade Federal de Roraima, LABIM, Roraima-Brasil
evertonufr@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3638-5577>

RESUMO: O objetivo deste estudo é identificar e caracterizar os neologismos no português de Roraima. Para tanto, discute o conceito de neologismo (ALVES, 1996; GUILBERT, 1973) e seus critérios classificatórios (MATIELLO, 2017; JESUS, 2018; CARVALHO, 2009) e orienta sua metodologia com base em Hartmann e James (1998), que consiste no uso do método da introspecção, na pesquisa textual (criação de um corpus), na coleta de conversas informais e na comparação entre dados coletados e dicionários gerais da língua. Os resultados indicam que (1) há neologismos típicos e próprios do falar local, com prevalência dos típicos, o que confirma a relação do português de Roraima com outras variedades do Norte; (2) o padrão neológico é o formal, que possibilita criar novas unidades lexicais com base modelos anteriores (o princípio da analogia); (3) os neologismos do tipo empréstimo advêm do contato com os indígenas e os venezuelanos; (4) os indigenismos de origem tupi são muitos e já se encontram dicionarizados; (5) os indigenismos de línguas nativas são escassos, devido às políticas colonizadoras que buscavam apagar as culturas autóctones; (6) os anglicismos oriundos da Guiana inexistem apesar de haver uma movimentada fronteira com o país vizinho; e (7) os dicionários gerais da língua portuguesa apresentam incoerências no registro de datação, rubrica e localização de palavras ligadas ao contexto roraimense.

PALAVRAS-CHAVE: Neologismo. Lexicologia. Português de Roraima.

NEOLOGISMS IN THE PORTUGUESE OF RORAIMA

ABSTRACT: The present study identifies and characterizes neologisms in the Brazilian Portuguese spoken in the Northern state of Roraima. To this end, it discusses the concept of neologism (ALVES, 1996; GUILBERT, 1973) and its classification criteria (MATIELLO, 2017; JESUS, 2018; CARVALHO, 2009); its methodology is based on Hartmann and James (1998), and comprises the use of the introspection method, textual research (compilation of a corpus), the collection of informal conversations and comparison between collected data and general dictionaries and corpora. The results indicate that (1) some neologisms are typical (they seem to be used across the Northern region of Brazil), whereas others are specific to the state of Roraima; as the former were found to be prevalent, this confirms the relationship between Roraima Portuguese and other Northern varieties; (2) the neologism pattern is formal, which makes it possible to create new lexical units based on previous models (by analogy); (3) loan-type neologisms come from contact with indigenous peoples and with Venezuelans; (4) there are many Tupi-based neologisms, and they are already included in dictionaries; (5) loans from other indigenous languages are scarce, due to colonizing policies that sought to erase autochthonous cultures; (6) no Anglicisms from Guyana were found, despite the intense border exchange with the neighboring country; and (7) general Portuguese dictionaries present inconsistencies as to dating, initials and location of words linked to the Roraima context.

KEYWORDS: Neologism. Lexicology. Portuguese from Roraima.



INTRODUÇÃO

Léxico é o conjunto de palavras e expressões de uma determinada língua, que pode ser estudado sob diversos aspectos, conforme o objetivo de pesquisa. É o nível linguístico mais superficial no sentido de que as mudanças sócio-históricas que ele representa não alteram o sistema gramatical. Nesse sentido, cada palavra é um vestígio paleológico indicando a origem e a conformação social de uma determinada cronologia, afinal tempo e espaço são conceitos indissociáveis.

O léxico da língua portuguesa, devido à sua filogenia, é formado por palavras herdadas do latim, que englobam não apenas as heranças lexicais diretas, mas também as indiretas, que são as incorporações vocabulares advindas das línguas pré-românicas e os empréstimos recebidos através dos contatos com outros povos. Esse léxico emprestado tem origem muito variada, vindo das línguas germânicas, do árabe, das numerosas línguas ameríndias, africanas e asiáticas, e principalmente de outras línguas neolatinas. O léxico da língua portuguesa é formado, portanto, de palavras herdadas, criadas internamente, através dos processos de composição, derivação e outros processos morfológicos, e emprestadas, através dos empréstimos e das transferências.

Esta pesquisa é um estudo do léxico do português de Roraima, em especial dos neologismos, filia-se aos estudos do léxico e vincula-se ao projeto institucional de pesquisa Retratos Linguísticos de Roraima, em especial ao subprojeto 'Para elaboração de um dicionário de palavras e expressões do português falado em Roraima', que visa à elaboração de um dicionário do português de Roraima. Até este momento, esse subprojeto catalogou o número de 90 palavras/expressões, muitas típicas (compartilhadas com outros falares regionais) e outras próprias do falar roraimense.

Dentro deste catálogo, esta pesquisa identifica 27 neologismos, isto é, unidades lexicais que resultam da criação de uma nova palavra por derivação ou empréstimo de uma unidade pertencente a um outro idioma (ALVES, 1996). Este artigo é, portanto, um recorte do subprojeto 'Para elaboração de um dicionário [...]' e tem por objetivo identificar e caracterizar os neologismos no português de Roraima, apresentando-lhes uma contextualização social e uma descrição linguística.

Para cumprir esses objetivos, esta pesquisa fundamenta-se em Alves (1996) e Guilbert (1973) que discutem o estatuto conceitual de neologismo; Matiello (2017) e Jesus (2018) que propõem a identificação e classificação dos neologismos e Carvalho (2009) que trata especificamente dos neologismos por empréstimos; dentre outras referências dos estudos lexicais e história da língua que tratam da constituição do léxico português.

A metodologia desta pesquisa replica a do subprojeto 'Para elaboração de um dicionário [...]', que consiste no uso do método da introspecção, que é a recuperação de informações a partir das experiências sociais do lexicógrafo; na pesquisa de literaturas existentes na área jornalística, musical e literária; e na coleta informal de conversas cotidianas e webcomentários em redes sociais (Facebook e Instagram), conforme orientação

adaptada de Hartmann e James (1998). Outro procedimento metodológico é a pesquisa em dicionários gerais de língua portuguesa.

Este trabalho está dividido em quatro partes: a primeira apresenta o conceito neologismo; a segunda descreve os principais procedimentos metodológicos utilizados por esta pesquisa, como os critérios empregados na coleta dos dados; a terceira procede com a análise e a discussão dos neologismos identificados no português de Roraima, detalhando cada uma das unidades lexicais; e a última apresenta as considerações preliminares e os encaminhamentos da pesquisa.

NEOLOGISMO – DEFINIÇÃO, CLASSIFICAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO

Em linhas gerais, neologia é o processo de criação de novas palavras e neologismo é o resultado desse processo, ou seja, a nova palavra. Esse último termo, contudo, apresenta vários significados de acordo com a perspectiva adotada. Existe a palavra gráfica, aquela delimitada pelos separadores, que são os espaços em branco, a quebra de linhas ou outros recursos gráficos; a palavra fonológica, que é a “unidade prosódica, caracterizada por um acento e dois graus de atonicidade possíveis antes e depois do acento” (CÂMARA Jr., 1976, p. 37); a palavra morfológica, que são as representações dos lexemas, as formas livres ou presas, o vocábulo e a palavra lexical, que é o lexema, uma unidade abstrata que tem significado lexical e pode apresentar variações (ROSA, 2009).

Esta pesquisa lida com a noção de palavra lexical, muito embora use dos outros conceitos, haja vista que, por exemplo, a noção de palavra gráfica importa para analisar novidades lexicais em fase de criação ou implantação, momento em que a origem popular ou estrangeira pode gerar instabilidades gráficas na neologia.

Uma característica do lexema é pertencer a uma classe aberta da língua, podendo receber novos elementos, de acordo com os movimentos de variação e mudança. Dada essa característica, o léxico de uma língua possibilita o exercício da criatividade do falante (criatividade lexical), a importação de palavras de outras línguas (empréstimo), e a reutilização de palavras já existentes, mas com outros sentidos (neologismo semântico) ou outras combinações formais (neologismo morfológico e fonológico).

A criação de palavras novas possibilita a renovação do acervo vocabular de uma língua, simbolizando que ela permanece viva e culturalmente ativa, afinal o neologismo responde a demandas de uma sociedade, visto que ele surge como uma estratégia comunicativa convencionalizada entre os interlocutores de forma tácita ou expressa.

Quanto à classificação dos neologismos, é consensual a existência destas espécies: (1) neologia fonológica, que é a criação de uma palavra com base em novas combinações fonológicas juntamente com novos significados que seguem as regras da língua; (2) neologia formal ou sintática, que é a combinação de elementos já existentes na língua (radical com afixos), podendo ser subclassificado em neologia por sufixação, prefixação e parassíntese; (3) neologia semântica, que é a mudança de significado em um lexema sem alterar sua forma significativa, sendo esta sintagmática, por convenção ou sociológi-

ca; e (4) empréstimo e conversão (NIKLAS-SALMINEN, 2015; ALVES, 1996; CABRÉ, 1999; GUILBERT, 1973).

A identificação de uma unidade lexical neológica segue estes princípios: (1) tudo o que vem de uma outra língua deve ser considerado como pertencente a outro código; (2) o neologismo é um signo linguístico, compreendendo uma face “significante” e outra “significado”, esses dois componentes são modificados juntos na criação neológica, mesmo que a mutação pareça carregar na morfologia do termo ou em seu único significado; (3) a formação neológica, na maioria das vezes, não é uma unidade de significado mínimo, é o resultado da combinação de elementos mais simples existentes na língua, a criação então reside na relação estabelecida entre esses elementos; (4) a criação de neologismos não pode ser dissociada do discurso realizado pelo indivíduo-criador integrado em uma comunidade, expressando-se em uma determinada situação; e (5) o neologismo apresenta um aspecto oral e um escrito, as modificações gráficas devem, portanto, ser consideradas como pertencentes à neologia (GUILBERT, 1973, p. 9-17).

A identificação de um neologismo requer critérios linguísticos e sociais, visto que a criação de uma nova palavra tem uma motivação social e deve adequar-se ao sistema linguístico onde ela surge. Ganança (2018), por exemplo, propõe 4 critérios, segundo os quais uma unidade lexical será neológica se tiver aparecido recentemente (diacrônico), se apresentar instabilidade e/ou raridade formal (gramatical); se os falantes da língua a reconhecem como tal (psicológico); e se não figurar em um conjunto de dicionários de língua previamente selecionados (lexicográfico).

Matiello (2017), por sua vez, propõe 7 critérios, segundo os quais uma unidade lexical é neológica se apresentar transparência gramatical para os usuários da língua, isto é, se os falantes reconhecem os componentes da nova palavra; regularidade ao padrão gramatical, isto é, não fugir do modelo fonológico, morfológico e sintático da língua em questão; produtividade, isto é, a frequência de uso de uma determinada regra para criar palavras, um critério de natureza morfológica; decodificação, isto é, a compreensão de uma palavra nova não depende exclusivamente do contexto, dos marcadores metalinguísticos; informatividade, isto é, os significados de uma palavra nova tendem a ser mais reduzidos, indicando um objeto ou uma situação mais específica, diferenciando-se de uma palavra antiga na língua, que pode indicar para diversos significados; efeito mnemônico, isto é, deve ser possível ao falante recuperar em sua mente a palavra nova associando-a a um contexto determinado; e analogia, isto é, o surgimento de novas palavras depende da criatividade do falante em poder usar palavras já existentes na sua língua.

Para descrever os neologismos no português de Roraima, esta pesquisa adota o critério lexicográfico, que consiste em verificar a dicionarização da nova palavra ou do novo significado nos dicionários gerais de língua portuguesa (doravante DGLP); o da estabilidade ortográfica, que consiste em verificar a oscilação gráfica no registro do neologismo, principalmente porque a maioria dos exemplos desta pesquisa advém da modalidade escrita; o gramatical, que engloba as noções de regularidade e produtividade ao verificar

o modelo de formação neológica e o cumprimento às regras da gramática portuguesa; e o diacrônico, que consiste em verificar o período aproximado do surgimento do neologismo. Este último critério é o mais laxo, pois os exemplos são de usos recentes, alguns derivados e mais habituais à oralidade. A pertinência da noção de diacronia se justifica por ser este um estudo que registra usos lexicais de uma determinada etapa da língua e que conseguiu retroceder temporalmente para explicar algumas das neologias.

Os outros critérios são também importantes, como aqueles ligados ao processamento cognitivo da informação neológica (mnemônico e transparência), que possibilitam identificar as motivações dos neologismos e a avaliação social que dele é feita, tal qual realizado por Varo (2013) em língua espanhola. A inclusão deles, porém, requer a aplicação de testes de percepção e avaliação, com o propósito de saber se o falante roraimense reconhece determinadas palavras e expressões como típicas ou próprias do seu falar, o que não foi possível realizar neste momento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia desta pesquisa replica a do subprojeto ‘Para elaboração de um dicionário [...]’, que consiste no uso do método da introspecção, que é a recuperação de informações a partir das experiências sociais do grupo de trabalho do projeto¹. No entanto, por se tratar de um método não tão confiável, ele funciona mais como gatilho para diversas buscas em textos da esfera literária, musical e jornalística, concentrando-se principalmente neste último por estas razões: os jornais têm se destacado como principal fonte de neologismos (ESTORNELL, 2009, p. 40); e a imprensa exerce uma pressão notável na divulgação e na aceitação de novas palavras (ALVAR, 1999, p. 143).

Apesar de não tão confiável, o método da introspecção possibilita que o lexicólogo (ou mesmo o leigo) perceba uma unidade lexical como nova e identifique seus contextos de uso. É o primeiro passo para o estudo do neologismo, constituindo-se em um procedimento de orientação etnográfica, afinal o pesquisador deve estar minimamente envolvido com o grupamento social no qual se usa o candidato neológico. Esse método corresponde ao que Sablayrolles (2009) chama de sentimento neológico (*sentiment néologique*).

O meio virtual é o espaço mais propício para busca de material lexical, não só o buscador *Google*, mas também as redes sociais (webcomentários de Facebook, Instagram, Twitter e páginas jornalísticas) e o próprio site dos jornais, através da caixa de busca.

Apesar de pouco explorada nesta fase da pesquisa, conversas cotidianas e virtuais (pelo WhatsApp) são usadas para coleta de dados. A palavra ‘bandar’, por exemplo, foi identificada como um neologismo por um dos membros da equipe durante compras habituais na Feira do Produtor, tradicional espaço comercial de Boa Vista-RR.

Outro procedimento metodológico é a consulta a DGLP, como o Houaiss, o Aulete, Aurélio e Michaelis em suas versões virtuais. Esse procedimento objetiva verificar se a palavra classificada como neologia está ou não registrada nesses dicionários. Em caso

¹ A equipe do projeto é formada pelos membros do Laboratório Imprimatur, em especial pelo Prof. Eliabe Procópio e os alunos Daniel Souza, Everton Oliveira Silva e Felipe Thiago Cordeiro da Rocha.

positivo, verificam-se ainda os sentidos atribuídos a ela. Essa busca, portanto, pode confirmar a unidade lexical como um neologismo formal ou semântico.

Esta pesquisa testou os detectores automáticos de neologismo para a língua portuguesa, a exemplo do Neotrack (JANSSEN, 2008²), que não foi encontrado para descarregamento, apesar de seu autor indicá-lo como uma aplicação de uso virtual; e o SENTER (PARDO, 2006³) que apresenta erro na sua execução, impossibilitando seu uso nesta pesquisa.

Com base nesses procedimentos, foi elaborado um vocabulário com 90 palavras, das quais 27 são candidatas à classificação de neologismo, conforme critérios expostos anteriormente.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Este estudo objetiva identificar os neologismos no português roraimense; adota 4 critérios, que são: lexicográfico, ortográfico, gramatical e diacrônico e classifica 27 unidades lexicais como neologismo, que se dividem entre neologismo formal, semântico e do tipo empréstimo (NIKLAS-SALMINEN, 2015; ALVES, 1994; BOULANGER, 1979), conforme quadro seguinte:

Quadro 01 - classificação dos neologismos do português de Roraima.

| Tipos de neologismo do português de Roraima ⁴ | | |
|--|------------------|-----------------------|
| Formal (combinação de forma) | Semântico | Empréstimo |
| 1. Bandar | 1. Bola | 1. Arepa |
| 2. Banho | 2. Distribuidora | 2. Damurida/damorida |
| 3. Caroteiro | 3. Lavrado | 3. Ochenta |
| 4. Fazer a bola | 4. Macuxi | 4. Parixara/parichara |
| 5. Malocão | 5. Parente | 5. Pepito |
| 6. Masseta/maceta | | 6. Veneco/a |
| 7. Pampeiro | | |
| 8. Pão massa fina | | |
| 9. Pão massa grossa | | |
| 10. Parentezada | | |
| 11. Parentezinho | | |
| 12. Piseiro (piser/pizero) | | |
| 13. Roraimado/a | | |
| 14. Tanqueiro | | |
| 15. Xibobo/chibobo | | |
| 16. Tiquiri | | |

Fonte: elaboração própria

A maioria dos neologismos catalogados se concentra entre os formais, o que confirma o princípio da analogia, segundo o qual o falante se utiliza de padrões já disponíveis

2 JANSSEN, Maarten. NeoTrack: Une analyseur de néologismes en ligne. In: *Proceedings of CINEO*, Barcelona, Spain, 2008. Disponível em: <http://maarten.janssenweb.net/Papers/2008-cineo-janssen.pdf> - último acesso em 12 jul. 2021.

3 PARDO, Thiago Alexandre Salgueiro. SENTER: Um Segmentador Sentencial Automático para o português do Brasil. Série de Relatórios do NILC. NILC-TR-06-01. São Carlos-SP, 2006. Disponível em: <https://sites.icmc.usp.br/taspardo/NILCTR0601-Pardo.pdf> - último acesso em 12 jul. 2021.

4 Algumas dessas palavras não são exclusivas do português de Roraima, ocorrem também em outras variedades do português brasileiro, o que possibilita identificar as matrizes dialetais do falar roraimense.

na língua para conformar novas unidades lexicais, a exceção de ‘xibobo’ e ‘tiquiri’, formas desconhecidas.

A neologia formal surge basicamente pela derivação sufixal (10 de 15), sendo 7 substantivos, 1 verbo (banhar), 1 adjetivo (masseta/maceta), e o neologismo ‘roraimado/a’, que funciona como substantivo (“todo roraimado tem na ponta da língua”, AL-RR virtual, 2020) ou adjetivo (“O engenheiro civil roraimado começou sua carreira”, SECULT virtual, 2019).

Macuxi é o único neologismo semântico e de origem indígena. De início, essa palavra fazia referência à etnia e a língua do povo macuxi, depois ela ganha um novo sentido, que é o gentílico cultural equivalente a ‘roraimense’, aquele que nasce no estado ou aquele que se sente como tal. Segundo datação do Houaiss, 1899 é a data de seu primeiro registro em língua portuguesa, porém essa palavra já se encontra registrada na documentação administrativa da Capitania do Rio Negro e do Forte de São Joaquim, mais especificamente no *Auto de Inquirição de Testemunhas para Justificação da Posse e Domínio do Rio Branco pela Coroa de Portugal* (1775), disponível na Biblioteca Digital Luso-Brasileira⁵.

O princípio da analogia também explica a criação desse neologismo semântico, que associa o fato de nascer em um determinado local a alguma característica ou evento histórico ou social desse local, ou seja, não é um gentílico gramatical, formado por processos morfológicos (paulista, paulistano, fluminense, cearense, amazonense etc.), mas cultural (carioca, capixaba, potiguar, candango, gaúcho, barriga verde etc.), cuja função é designar o residente por algum aspecto da história social de um povo. Neste caso, a analogia ocorre não pela comparação de formas, mas pela tipificação de duas ou mais situações sociais que compartilham entre características, um processo de natureza sociorretórica.

Quanto aos empréstimos de línguas indígenas, há as palavras damorida/damorida, que faz referência a um prato da culinária indígena que foi incorporada na cultura local, e parixara/parichara, que é o nome de uma dança tradicional dos índios de Roraima. No texto do viajante etnologista alemão Koch-Grünberg, a palavra é registrada de diversas formas, como: pariserá, parizerá, pariselá, parizelá, parischara, parischerá e parixera,

Sobre os indigenismos, no português de Roraima (assim como nas variedades do português da região Norte), existem muitas palavras de origem indígena⁶, porém a maioria delas é oriunda do tupi. Poucos são os empréstimos das línguas amazônicas, em especial das roraimenses (caribes e aruaques). Esse apagamento do substrato autóctone tem relação com a imposição do diretório pombalino, que relegava as línguas nativas à condição de segundo plano frente ao uso oficial e massivo do português. O diretório pombalino coincide com a colonização da região Norte do Brasil, em que o branco já chegava dominando o léxico indígena do litoral e pouco lhe importavam os idiomas nativos.

Outro fator para esse apagamento do léxico indígena no português é que o diretório pombalino expulsou das colônias portuguesas os jesuítas, religiosos que descreveram

5 Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/27424>.

6 Alguns dos tupinismos típicos no português de Roraima: carapaña, cunhã, cunhanhã, cunhantaim, cunhatã, cupuaçu, curumin, guariba, igarapé, jambu, jiquitaia, karaiwa, matrinxã, pitiú, pium, poraquê, tacacá, tambaqui, taperebá, tapioca, beijú, tapiri, tiquira, tucunaré, tuxaua, dentre outros.

diversas línguas indígenas, com o propósito de catequizar os nativos em seus respectivos idiomas nativos. Consequentemente, muito se perdeu de informação sobre as línguas amazônicas, visto que as outras ordens religiosas (beneditinos, carmelitas e outros) não tinham formação e experiência com o trato do indígena, em especial com as línguas, afinal eram monges de clausura.

NEOLOGISMOS POR COMBINAÇÃO FORMAL BANDAR

É um verbo transitivo direto, cujo sentido é ‘partir um peixe em duas bandas com a finalidade de assar’, não sendo usado para outro tipo de animal, ou mesmo qualquer outro alimento. Esse neologismo deriva do costume culinário da região Norte em consumir peixes, é uma palavra que representa a cultura ribeirinha no preparo do peixe.

Os DGLP registram esse verbo, mas com o sentido de ‘envolver com bandagem/curativo’. Por isso, ‘bandar’ poderia ser classificado também como um neologismo semântico, afinal a forma já existe em português, a novidade é o significado. Contudo, o verbo é usado tanto em sua forma plena, quanto nominal, preferência pelo infinitivo, na formação de perífrases e locuções.

O uso do verbo bandar (envolver com bandagem) é também pouco frequente nos registros estatísticos dos *corpus* consultado⁷, o que confirma a hipótese de que o verbo bandar (partir em bandas) é um neologismo formal, criado com base no substantivo ‘banda’ como ‘parte lateral de algo, a metade’ - não de ‘banda’ como ‘tira ou faixa de algum tipo de tecido’ -, com o acréscimo da desinência verbal.

A identificação inicial desse verbo ocorreu em visita informal ao mercado de peixes da Feira do Produtor, onde o pesquisador na função de observador verificou esse uso inovador. A partir então, o estudo dessa novidade atesta que esse verbo é típico da oralidade, ou seja, não se encontra em contextos formais, e usado quase sempre no infinitivo em locução verbal ou oração subordinada, conforme se lê nos exemplos adiante:

Ex.¹: Minha mãe é tão ruim em cortar peixe, que pra ela bandar um [...]. (Twitter, 02.09.2012);

Ex.²: Raul, passa uns 30 minutos com a galera local que vc aprende a bandar o tambaqui sem espinha. (Twitter, 04.08.2015);

Ex.³: Amiga, ele poderia me bandar ao meio como um tambaqui (Twitter, 01.04.2021);

Ex.⁴: ela vai bandar ele igual um tambaqui assado no domingo no almoço (Twitter, 26.04.2021) – nesses dois últimos exemplos, o verbo é usado metaforicamente, demonstrando a produtividade lexical do neologismo que possibilita empregá-lo fora do âmbito culinário.

⁷ Corpus do Português - <https://www.corpusdoportugues.org/>. Acesso em 17 abr. 22.

BANHO

É um substantivo masculino usado para referir-se a um igarapé público ou privado destinado a banhos, também conhecido como praia de igarapé ou balneário. A palavra ‘banho’ é formada por derivação regressiva do verbo banhar e tem como referência o ato do banho, por imersão ou não. A palavra ‘banho’ é típica no português da região Norte e ocorre em conversas orais, texto jornalístico e técnico-científico, conforme ilustram os exemplos:

Ex.⁵: banho do Periquitão onde o sistema de drenagem das águas pluviais do bairro Equatorial foi instalado (Revista Geonorte, 2014);

Ex.⁶: O rapaz foi interceptado pelos policiais na BR-174, em atitude suspeita, próximo ao banho do Murupu (G1-RR, 29/10/14);

Ex.⁷: Conhecido como Banho do Sena, o Igarapé Aruanã fica há 26km de Boa Vista (Folha BV, 12/11/20).

A palavra banho tem seu registro em relatos de viajantes já no século XIX: “Após ter passado a embocadura do Banho do Au-au, chega-se à de Mocajahí” (COUDREAU, 1886, tradução nossa, no original *cuit Au-Au*).

CAROTE

É um substantivo masculino usado para se referir a um pequeno barril, feito quase sempre de plástico e utilizado no transporte de líquidos (água, combustível e outros). Os dicionários de português registram a palavra ‘corote’ (do francês *ancorote*), da qual possivelmente provenha ‘carote’. Em Roraima, ‘carote’ pode também ser usada como sinônimo de ‘galão’, como exemplificam o título e o lide da notícia adiante.

Ex.⁸: Caminhonete é apreendida com 43 carotes de gasolina para garimpo (*título*)

O transporte de combustível em galões acima do permitido é ilegal, conforme Art. 56 da Lei nº 9.605/98, de crimes ambientais (*lide*) (Folha BV, 31/03/2021)

Ex.⁹: Havia colocado um carote com água dentro do meu carro e, ao entrar para dirigir, senti meu automóvel balançar. (Folha BV, 23/08/2018)

O registro de ‘carote’ aparece também em texto técnico, do âmbito jurídico, com a indicação parentética de ‘tambores’:

Ex.¹⁰: o abastecimento extraordinário de combustível em carotes (tambores), na capital será autorizado pelo Chefe da Seção de Transportes (Resolução n. 27º, 16/12/2009, TJRR).

De igual forma, ao reproduzir uma notícia local em rede nacional, o Jornal Valor Econômico (JVE) usa uma informação parentética para contextualizar a novidade lexical:

Ex.¹¹: Ocorre que o transporte da gasolina em “carotes” (tanques plásticos) é proibido. (JVE, 14/04/2009).

Um exemplo interessante desse neologismo está no portal G1-RR, no qual ‘carote’ aparece no buscador Google e ‘galão’ aparece no corpo da notícia. A explicação para

essa correção, conforme conversa informal com a redação do portal, é que o editor deve ter considerado ‘carote’ como informal e solicitado a mudança para ‘galão’. A alteração vocabular, contudo, não modificou o histórico virtual da notícia, como indica a imagem adiante:

Figura 1 - Exemplo de busca carote ~ galão.

<http://g1.globo.com> > roraima > noticia > 2013/07 > po... ▼

Polícia Federal combate contrabando de combustível no ... - G1 ✓

12 de jul. de 2013 — Veículo e carotes com gasolina apreendidos pela Polícia Federal (Foto: Divulgação/PF) Veículo e galões com gasolina apreendidos pela

Fonte: buscador *Google*

CAROTEIRO ~ TANQUEIRO ~ PAMPEIRO

São substantivos sinônimos e estão relacionadas ao comércio ilegal de combustível na fronteira entre Brasil e Venezuela, em que condutores abastecem tanques adulterados ou reservatórios (carote/galão) com combustível adquirido no país vizinho, e transportam em carros com maior capacidade de carregamento, geralmente em carros de menor custo aquisitivo, como a Ford Pampa. A gasolina comprada na Venezuela se encontra no valor de R\$ 1,17/litro, enquanto no Brasil (em Boa Vista) o valor médio é de R\$ 7/litro, segundo dados do Global Petrol Prices (GPP⁸). Com isso, as pessoas visualizam uma fonte de renda no contrabando do combustível.

O radical é diferente (carot-/ tanqu-/ pamp-), mas o sufixo *-eiro* se repete, atribuindo às palavras a ideia de ofício/trabalho, presente no léxico do português brasileiro em palavras como ‘pedreiro’, ‘confeiteiro’, ‘marceneiro’ etc., conforme se lê nos exemplos adiante:

Ex.¹²: Nessa prática, duas frentes são adotadas pelos contrabandistas, sendo estes denominados por caroteiros ou tanqueiros. (Folha BV, 20/05/20)

Ex.¹³: Caroteiros são os agentes que acondicionam o combustível em diversos galões de plástico, regionalmente denominados como carotes. Os tanqueiros, por sua vez, tratam-se dos agentes que cometem o delito por meio da utilização de veículos com tanques de combustível adulterado. (Folha BV, 20/05/20).

Ex.¹⁴: Seis pampeiros que foram presos pela Polícia Federal na última quinta-feira (11), por suspeita de descaminho de combustível venezuelano em possíveis tanques adulterados, acusam policiais federais de abuso de poder. (G1-RR, 16/04/2013).

As palavras foram criadas através de uma relação de continuidade entre a função desempenhada pelo contrabandista e o receptáculo usado no descaminho, que é alçado a uma posição de destaque mental, cede seu conteúdo lexical e possibilita o processo de criação vocabular pela junção de seu radical a desinências disponíveis no sistema linguístico do português. Esse processo consiste numa metonímia conceitual, em que “uma

8 Disponível em: <https://pt.globalpetrolprices.com/>. Acesso em 13 abr. 22

entidade conceptual dá acesso a outra entidade dentro do mesmo domínio ou modelo cognitivo”, diz Basílio (2011).

MACETA/MASSETA

É um adjetivo usado habitualmente em ambientes de informalidade linguística, já que não foi identificado um uso em contexto formal. É uma palavra usada não só em Roraima, mas em toda região Norte, é de uso comum do português nortista. Seu sentido faz referência a algo bonito, grande, forte, robusto, potente.

É comum sua grafia com a letra C, o que serve de orientação para saber de sua procedência. Nos dicionários gerais, há o verbo ‘macetar’ (golpear/bater com maceta ou macete) e o substantivo ‘macete’ (o instrumento de macetar, uma espécie de martelo), cujos significados são diferentes daqueles atribuídos ao adjetivo.

A hipótese desta pesquisa é que ela derive do adjetivo ‘massa’ acrescido do sufixo ‘-eta’, formando assim ‘masseta’, ou seja, a rotina linguageira cristalizou uma grafia errônea, com a letra ‘c’, não com o dígrafo ‘ss’. Essa hipótese tem como fundamento o fato de que a região Norte recebeu grandes levas de migrantes nordestinos, onde é comum o uso da palavra ‘porreta’, que por analogia tem o mesmo sentido e uso de ‘masseta’.

MALOCÃO

É um substantivo masculino formado com base na palavra ‘maloca’, um tipo de cabana rústica usada pelos indígenas sul-americanos, e a desinência de grau ‘-ão’. Nesse processo de sufixação, o gênero gramatical passa do feminino (a maloca) para o masculino (o malocão), estabelecendo a função aumentativa para a coisa referida. Malocão é um maloca grande, comunitária, aberta, sem paredes e portas, localizada geralmente em um espaço central ou de fácil acesso, e usada para eventos formais ou informais, religiosos, políticos, culturais e afins.

A palavra malocão é comum não apenas em Roraima, mas na região Norte, conforme leitura de jornais amazônicos, podendo ser usada em diversos gêneros textuais (notícia, relatório, artigo científico, por exemplo) e esferas de atividade humana, desde que tenha relação com o campo semântico indígena – alguns poucos casos indicam o uso da palavra fora do contexto indígena.

Ex.¹⁵: Os índios já concluíram o malocão de reunião. A inauguração foi no dia 27/04/2002. Além do Malocão para reuniões foram também construídos um Posto de Saúde, uma cozinha, alojamentos, banheiros masculino e feminino. (Relatório FUNAI, 2004)

Ex.¹⁶: Às Micro e Pequenas Empresas do Município de Normandia, interessadas a Constituir a Associação das Micro e Pequenas Empresas do Município de Normandia - AMPER - Normandia, convoca a todas as Micro e Pequenas Empresas do Município de Normandia, a comparecerem no Malocão da Prefeitura, Município de Normandia, no dia 10.11.2004, às 09:00 horas em primeira convocação (DO-RR, 04/11/2004, p. 30).

Ex.¹⁷: O Malocão Cultural, espaço que foi montado no Boa Vista Junina e vai ganhar destaque novamente nos três primeiros dias de festa com oficinas, exposições, apresentações de grupos folclóricos, shows de artistas e bandas locais. (Folha BV, 16/09/2014)

Ex.¹⁸: Júri ocorreu no Malocão da Demarcação, no interior da Raposa Serra do Sol, Nordeste de Roraima. (G1-RR, 24/04/2015)

Os exemplos adiante demonstra o caráter novedoso da palavra ‘malocão’, porque ao ser veiculada em jornais de circulação nacional, ela vem acompanhada de uma explicação:

Ex.¹⁹: Os indígenas apelidaram o formato de escolha de “política do malocão” - referência a uma espécie de galpão nas vilas, onde acontecem encontros e assembleias. (Folha de SP, 27/02/2021)

Ex.²⁰: A Terracap ainda se comprometeu a fazer o reflorestamento de uma área degradada e a construir um centro de convivência indígena chamado de malocão [...] (EBC, 30/06/2018)

PÃO MASSA FINA / PÃO MASSA GROSSA

É uma lexia complexa usada para se referir ao pão de leite (massa fina) e ao pão francês (massa grossa). São designações comuns na região Norte, aparecendo em anúncios na OLX e legenda de fotos postadas por padarias locais nas redes sociais (por exemplo: Nosso delicioso pãozinho caseiro e o massa grossa; @paesdelicia, 07/06/2018).

Aparece ainda em outras esferas, como textos jornalísticos e oficiais, de que são exemplos:

Ex.²¹: Leite (desnatado ou integral) com café (açúcar ou adoçante) ou achocolatado e um pão massa fina com margarina e suco de fruta com açúcar ou adoçante. (Representação 001-2013, MPC-RR)

Ex.²²: Aí tivemos que reduzir mais de 10 quilos de pão em cada tela. Massa grossa, massa fina, caseiro, tudo teve que diminuir na produção”, disse o dono de uma padaria, localizada no bairro Silvio Leite. (Folha BV, 03/03/2021)

Ex.²³: Em uma pesquisa feita pela reportagem da Folha em alguns pontos da cidade, a média do preço do pão de massa grossa é entre R\$ 6 a R\$ 7 o quilo. O pão de massa fina geralmente é vendido a R\$ 1 a mais ou o mesmo preço em algumas padarias. (Folha BV, 28/08/2018)

Ex.²⁴: Kit A: Sanduíche (pão massa fina e/ou grossa de 50g com queijo, presunto, alface/tomate e ovo). [...] (DO-RR, 26/11/18, p. 18)

PISEIRO

É um substantivo masculino usado para se referir a “festa dançante realizada ao ar livre e geralmente ao som de muito forró e arrasta-pé nas comunidades ou mesmo para denominar programações festivas dançantes em núcleos urbanos” (MONTEIRO, 2018,

p. 101⁹). A novidade lexical deriva do verbo pisar, ação ligada ao campo semântico do ato de dançar, e é grafada como pisero ou pizero – ambas sem o ditongo e uma delas com a letra Z, uma tentativa de representar o som intervocálico.

Nos últimos anos, esse substantivo vem sendo usado pela mídia nacional para se referir a um tipo de forró.

RORAIMADO(A)

É um gentílico que faz referência àquele que não é roraimense de nascimento, mas mora em Roraima e se sente como nativo. A sufixação indica que determinada pessoa provém de Roraima ou possui características típicas de um roraimense. Esse neologismo funciona ao lado de macuxi e roraimense.

O neologismo ganhou notoriedade no discurso presidencial de Dilma Rousseff, em 09/12/2015¹⁰, em Boa Vista-RR. A mandatária recebeu muitas críticas, sob alegação de ter criado uma palavra sem sentido (Dilmês), contudo essa unidade lexical já era corrente. As críticas à chefe de estado se devem ao desconhecimento dos falares regionais e ao subterfúgio de exprobar sua fala em vez de sua orientação política. O trecho do discurso presidencial diz:

Mas eu quero mesmo é cumprimentar aqui cada um de vocês que hoje estão recebendo a chave aqui em Roraima. É a segunda vez que venho aqui para entregar chave do Minha Casa Minha Vida. Neste ano. Neste ano, muito bem lembrado. Não é no ano passado, neste ano. E ai vocês disseram que se eu bebesse a água do Rio Branco eu não seria uma macuxi, mas eu seria uma “roraimada”. Então hoje eu me considero uma “roraimada”.

Essa novidade lexical aparece em diversos contextos, como o jornalístico:

Ex.²⁵: O engenheiro civil roraimado (como chamamos por esses lados do extremo norte de quem escolhe Roraima como terra querida para viver), começou a carreira solo em 1983, em Salvador e Rio de Janeiro. (SECULT-RR, 27/09/2019)

Ex.²⁶: O cearense roraimado reside em Boa Vista (RR) desde 1990 onde vem desenvolvendo suas múltiplas habilidades nos campos da arte e da cultura. (Portal Roraima na Rede, 20/08/2021)

XIBOBO (PRONÚNCIA PAROXÍTONA)

É um nome epiceno de origem desconhecida que designa a larva do besouro cicindelas. A grafia com a letra X pode indicar possível origem indígena, o que não pode ser confirmado. Com isso, ela pode ser também grafada com o dígrafo CH.

9 MONTEIRO, H. M. V. *Narrativas, Fronteiras e Cotidiano na Terra de Makunaima*. Rio de Janeiro: Gramma, 2018.

10 Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discorso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-entrega-de-unidades-habitacionais-em-boa-vista-rr-e-entregas-simultaneas-no-maranhao-para-bahia-e-rio-de-janeiro-do-programa-minha-casa-minha-vida-boa-vista-rr>. Acesso em 14 abr. 22.

Esta pesquisa catalogou essa palavra e ‘tiquiri’ num levantamento prévio feito em conjunto com a equipe jornalística do G1-RR, para uma matéria comemorativa aos 131 anos da cidade de Boa Vista, publicada em 09/07/2021¹¹.

TIQUIRI (PRONÚNCIA OXÍTONA)

É um nome epiceno de origem desconhecida, que designa a lagartixa doméstica.

NEOLOGISMOS SEMÂNTICOS

BOLA / FAZER A BOLA

‘Bola’ é o nome dado a rotunda, rótula, balão, giradouro, rotatória ou rotatório no âmbito rodoviário. ‘Fazer a bola’ é uma colocação fraseológica para designar o movimento circular feito numa rótula. Tanto a unidade lexical quanto a fraseológica são comuns na região Norte.

Ex.²⁷: Parte da ‘bola’ do Centro Cívico ficará fechada por oito horas amanhã (Folha BV, 02/12/2015)

Ex.²⁸: outros pontos que estão com equipes preparadas para atender os idosos são o terminal de ônibus Luiz Canuto Chaves, na bola do Centro Cívico (Portal EducaRR, 28/03/2021)

Ex.²⁹: A imensa rotatória formada pela Praça Simón Bolívar, na confluência das BRs 174 e 401, conhecida como “bola do Trevo”, tornou-se uma “roleta-russa” [...]. (Folha BV, 11/11/2021)

DISTRIBUIDORA

É um substantivo feminino que originalmente designa um estabelecimento comercial que recebe produtos de fábricas e revende para o comércio varejista. Além desse sentido, no falar local, assim como na região amazônica, é comum a palavra ‘distribuidora’ como sinônima de bar, numa perspectiva mais popular, uma espécie de botequim que vende apenas bebidas para consumo no local.

Os exemplos, retirados de jornais locais, não são diretos na associação entre distribuidora e bar/botequim, contudo a descrição e as fotos possibilitam que o leitor fora de Roraima perceba que se trata de um bar popular. Inclusive, a maioria das notícias versa sobre assaltos e desavenças, ocorrências típicas de bares populares:

Ex.³⁰: Na última quinta, três jovens armados entraram em uma distribuidora, anunciaram um assalto, renderam funcionários e clientes e levaram dinheiro, uma televisão, celulares e itens do comércio. (G1-RR, 10/10/2020)

Ex.³¹: Durante a confusão, os envolvidos saíram da distribuidora e foram para o outro lado da avenida, quando um homem sacou uma arma e atirou contra a vítima. (G1-RR, 25/12/2018)

¹¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/07/09/quiz-voce-conhece-essas-expressoes-boa-vistenses.ghtml>. Acesso em: 14 abr. 22.

LAVRADO

É um substantivo masculino, usado para se referir à vegetação do tipo savana ou cerrado, comum no nordeste roraimense (BARBOSA, 2010). Essa palavra é registrada pelos DGLP com vários significados ligados à agricultura ou à escritura notarial. Eles também registram vários usos dessa palavra como regionalismo, mais especificamente dizendo que é um tipo de “savana formada por gramíneas” (HOUAISS), “Floresta composta por gramíneas” (AURÉLIO) e “Savana de gramíneas” (AULETE). Esse uso regional, contudo, é atribuído ao estado de Rondônia, onde não se tem esse registro lexical e onde não existe vegetação de savana, como há em Roraima. A rubrica geográfica dos DGLP equivoca-se, pois troca as indicações locativas, o que não é de se estranhar, afinal é comum também essa confusão em outras esferas comunicativas, como na jornalística.

O primeiro registro de ‘lavrado’ como savana está num relato sobre o Rio Branco, escrito por Luciano Pereira (1917¹²), afirma Barbosa (2010). Nesse relato, Pereira diz “Os lavrados – assim são chamadas as extensões de campos, que no nordeste têm o nome de tableiros, sem outra vegetação além do pasto” (p. 40). Nos relatos de sincronias anteriores, os cronistas referiam-se ao lavrado como campinas, campos, vales ou mesmo savanas.

No falar roraimense, a palavra ‘lavrado’ é usada em diversos contextos, em especial no jornalístico e no científico. Neste último, ‘lavrado’ é usado de forma ampla como um termo técnico, sendo empregado por pesquisadores roraimenses e não roraimenses.

MACUXI

É um substantivo masculino que entrou na língua portuguesa para designar o povo e a língua indígena de mesmo nome. A datação desse indigenismo em português é de 1899, conforme o Houaiss, porém a documentação referente à colonização roraimense já traz o registro dessa palavra no século XVIII.

O neologismo semântico ocorre com essa palavra quando ela passa a ser usada como um gentílico de quem nasce em Roraima ou de quem adota esse estado como seu torrão. Esse novo significado surgiu possivelmente por ser essa a etnia mais numerosas na região e por ter sido uma das mais atuantes no contato com os colonizadores.

Adiante são apresentados alguns exemplos de uso da palavra ‘macuxi’:

Ex.³²: Macuxi é também uma espécie de sinônimo para roraimense, aquele(a) que nasce em Roraima. (Portal Macuxicast, s/d)

Ex.³²: Mas há aqueles que nascem em Roraima e também são conhecidos popularmente como “Macuxis”. Isso mesmo! Então se você nasceu em Boa Vista ou outra cidade de Roraima pode ter certeza que será um macuxi de carteirinha. O termo “roraimense” para definir quem nasceu no estado não é muito utilizado. (G1-RR, 17/12/2020)

12 PEREIRA, L. *O Rio Branco – Observações de viagem*. Manaus: Imprensa Pública, 1917.

Ex.³³: Algumas pessoas em Boa Vista usam o termo macuxi para se referirem a si mesmas sem serem indígenas, como um sinônimo de quem nasce em Roraima (Revista Acadêmica Iluminuras, 2018)

Ex.³⁴: quando alguém pergunta de quem nasceu em Boa Vista ou Roraima qual é o gentílico. A gente fala bem forte. Quem nasce aqui, “é macuxi, macuxi do pé rachado”. (Blog Joviajou, 16/04/2021)

Ex.³⁵: Primeira noite do ‘Arraial Macuxi’ em Boa Vista reúne 20 mil pessoas (G1-RR, 25/06/2015)

A palavra ‘macuxi’ encontra-se também no uso de etiquetas virtuais (*tag*¹³) de **palavras-chave** no Instagram, cuja função é organizar e facilitar buscas. Essas *tags* vêm antecedidas por cerquilha e formadas pela palavra ‘macuxi’ que serve de base para a combinação lexical, de que são exemplo: #macuxiroraima, #macuxiland, #macuxikardashians, #macuxispelomundo, #macuxicolorado (em referência ao time local de futebol Baré Esporte Clube), #macuxirr, #macuxiémuitaonda, #macuxieliquidis, #macuxitours, #macuxidelic, #macuximuitaonda, #macuxitrip, #macuxigram, #macuxinomundo, #macuxidolavrado, #macuxilandia, dentre outras.

PARENTE

É um substantivo usado para se referir à população indígena (o parente), ou na função fática como forma de tratamento (e aí, parente!), ademais do sentido usual para se referir à ligação consanguínea, afetiva ou adotiva entre familiares. Esse neologismo semântico é comum também no português nortista, seu uso neológico está atrelado à cultura indígena.

Na década de 70, surge um movimento de valorização da cultura indígena, cuja pauta discute inclusive a terminologia pejorativa e errônea de ‘índio’ para os nativos americanos. Em consequência disso, a palavra ‘parente’ foi recepcionada pelos povos nativos e assumiu um viés identitário com o propósito de “unir povos historicamente distintos e rivais na luta por direitos e interesses comuns”, e os indígenas passam a se tratar como parente, não porque apresentam laços sanguíneos, mas porque compartilham “alguns interesses comuns, como os direitos coletivos, a história de colonização e a luta pela autonomia sociocultural de seus povos diante da sociedade global”, diz Luciano (2006, p. 31).

Na mídia local, identificam-se os seguintes exemplos:

Ex.³⁶: Campanha ‘Vacina Parente’ incentiva vacinação contra Covid em comunidades indígenas de RR – título da notícia (G1-RR, 13/05/2021)

Ex.³⁷: Hoje, a maioria das comunidades, principalmente as que ficam próximas a Boa Vista, têm acesso à internet. E o parente acredita no que ele escuta nas redes sociais, na própria televisão. Vai acreditando nas fake news e espalha para outros parentes que não têm acesso à informação, formando uma bola de neve. Um grande problema – nessa

13 *Tags* ou metadados - são dados usados para classificar e organizar arquivos, páginas e outros conteúdos (Portal Tecmundo)

mesma matéria do G1-RR, é reproduzida a fala do coordenador-geral do Conselho Indígena de Roraima (Cir)

Do lema ‘parente’, derivam duas outras formas: parentezada, cuja sufixação resulta no coletivo de parentes (galera, turma, pessoal etc.) e parentezinho/a, cuja sufixação gera um diminutivo afetoso para ‘parente’. Esses dois neologismos são do tipo formal, porém entram nesta seção por serem todos do mesmo campo lexical.

NEOLOGISMOS POR EMPRÉSTIMO

AREPA

É um substantivo feminino emprestado da língua espanhola, especificamente da Venezuela. Assim como os demais espanholismos catalogados por este estudo, sua entrada no português se deve ao êxodo venezuelano no estado de Roraima.

Arepa é a uma comida típica da culinária venezuelana (e países vizinhos), consiste num tipo de pão de forma circular, feito de milho (grão moído ou farinha pré-cozida) e cozido em frigideira ou chapa de metal, em fogo lento, podendo ser servido com recheios diversos (carne, frango, ovos, queijo etc.). É uma comida que se difundiu entre os roraimenses, sendo comercializada sobretudo por venezuelanos.

A oferta de arepas está presente em textos publicitários, virtuais ou placas físicas, cardápios de lanchonetes, como nos exemplos adiante, sendo inclusive anunciada em avisos e cardápios de aplicativos de entrega de comida, como Ifood e Uber eats. Os exemplos são:

Ex.³⁸: No momento da abordagem, o homem alegou, que estava transportando massa para arepa [tipo de pão típico da Venezuela e Colômbia] (G1-RR, 13/10/2016) – Em 2016, começava a se intensificar a migração venezuelana para Roraima. Por esse motivo, o jornalista intercala uma explicação sobre a comida estrangeira.

Ex.³⁹: Pães, bolos, frutas e arepas, comida típica venezuelana, foram alguns dos pratos servidos. (G1-RR, 18/09/2016)

Ex.⁴⁰: Hoje tem a famosa arepa recheada com ‘Reina Pepiada’ [...] (Facebook, 21/06/2018)

Ex.⁴¹: Além de arepas, pizzas, bolos, bolsas, e outros produtos que estão sendo comercializados no local, hoje tem oficina sobre ‘Economia Popular Solidária’ (Folha BV, 14/09/2019)

Ex.⁴²: Já experimentou as melhores arepas de Boa Vista? (Facebook, 21/09/2020)

DAMORIDA/DAMORIDA

É um substantivo feminino que designa uma sopa apimentada, feita de algum tipo de peixe ou caça. A hipótese mais provável é que ‘damorida’, e sua variação gráfica ‘damurida’, seja uma forma vozeada de ‘tamorita’, que foi registrada por Koch-Grünberg (1916, vol. 2) nestes termos:

O popular prato de pimenta dos índios (*Das beliebte Pfeffergericht der Indianer*); caldo de pimenta em que os bolos de mandioca são mergulhados; o prato usual dos índios, principalmente das crianças. (*Pfefferbruhe, in die Maniokfladen getunkt werden; das gewöhnliche Gerieht der Indianer, besonders der Kinder.*); prato de pimento (*Pfeffergericht*); caldo de pimento (*Pfefferbriihe*); o popular “pimenteiro” dos índios: caça ou peixe cozido com forte pimenta espanhola, também é servido imediatamente aos convidados. (*Der beliebte „Pfeffertopf” der Indianer: mit starkem spanischem Pfeffer gekochtes Wildbret oder Fische. Er wird auch den Gasten sofort vorgesetzt.*).

‘Tamorita’ é uma palavra originada de ‘tamó’, que faz referência a qualquer tipo de ‘bebida líquida’, um radical comum nas línguas indígenas do Planalto das Guianas, sejam elas da família aruaque ou caribe (macuxi, uapixana, ingaricó, taurepangue etc.). Tomando-se como norte a língua ingaricó¹⁴, o radical ‘tamó’ juntou-se a outros elementos morfológicos: ‘ri’, que indica posse, e ‘ta’, que é um verbalizador¹⁵, formando ‘tamorita’.

Além do vozeamento (t⊕d), a versão portuguesa damorida/damurida também apresenta um alçamento vocálico (o⊕u), possibilitando uma harmonia fonológica entre as vogais ‘u’ e ‘i’.

O contexto de uso da palavra damurida/damorida é bem diversificado, sendo usada em trabalhos acadêmicos, sites culinários, propaganda oficial, nome de eventos, webcomentários etc., conforme indicam alguns exemplos adiante:

Ex.⁴³: Em Roraima, as pimentas são um elemento forte na cultura regional. Um dos pratos mais típicos, herdado da cultura indígena, é a damurida, uma sopa ou caldo, preparado com peixe ou carne de caça, cozida com diversos tipos de pimenta e suas folhas. (site EMBRAPA, 03/12/07)

Ex.⁴⁴: IX Festa da Damurida em Roraima reúne 17 comunidades indígenas (G1-RR, 07/11/2014)

Ex.⁴⁵: RENOVO E CAIXA ECONÔMICA FEDERAL uniram-se para lançar mais um empreendimento imobiliário de qualidade em Boa Vista, o Residencial Damorida. (22/08/2017)

Ex.⁴⁶: “Jander domina a cena do hip hop manauara e será nossa atração na Quinta da Damurida” (Folha BV, 19/04/2018)

OCHENTA (OITCHENTA)

É uma palavra criada no contexto da migração venezuelana em Boa Vista e designa a mulher venezuelana que se prostituía em determinados pontos da cidade, como a Feira do Passarão que se localiza no bairro Caimbé. Conforme relatos jornalísticos, o nome ‘ochenta’ tem origem no valor do serviço sexual, que era anunciado em voz alta e em espanhol: “Em Boa Vista, ganharam famas as ‘Ochentas’. São as venezuelanas que gritam

14 Informação coletada em entrevista com a profa. Dra. Maria Odileiz Sousa Cruz (UFRR), estudiosa das línguas indígenas da Amazônia e autora da gramática da língua ingaricó.

15 “O verbalizador é um morfema (fonologicamente realizado ou não) responsável por atribuir (ou mudar) a categoria ‘verbo’ à base semântico-fonológica” (p. 67) – retirado de STORTO, L.; FRANCHETTO, Bruna; LIMA, Suzi (Orgs.). *Sintaxe e semântica do verbo em línguas indígenas do Brasil*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

“Ochenta! Ochenta” em esquinas da cidade. É o valor que cobram, R\$ 80, para programas sexuais.” (IG notícias, 21/04/2017).

A palavra começou a ser registrada na esfera jornalística a partir de 2017, com a grafia emprestada da língua espanhola *ochenta*. São identificadas também outras grafias, como *oichenta* e *oitchenta*, e os plurais *ochentas* e *oitchentas*, que podem vir acompanhadas do artigo feminino plural

Ex.⁴⁷: em português – Ficaram conhecidas como as ochenta, em Boa Vista (Portal Migramundo, 12/03/2021)

Ex.⁴⁸: em espanhol – Las ochenta, venezuelanas que se prostituem nas ruas de Boa Vista (UOL notícias, 31/03/2018).

É comum a não concordância de número entre o determinante e o núcleo do sintagma em português e, por influência dessa língua, em espanhol também. A não concordância de número entre os componentes do sintagma indica que o processo neológico surgiu justamente na variedade popular do português, onde é comum a marcação de número apenas no elemento mais à esquerda do sintagma nominal.

Adiante são apresentados dois exemplos da não marcação de número. O primeiro é uma mixagem linguística entre um artigo em português e um substantivo em espanhol; e o outro é uma transferência, em que o sintagma vem todo em espanhol, havendo apenas a transferência de um processo morfológico típico do português ao espanhol:

Ex.⁴⁹: As ochenta [venezuelanas que se prostituem em Boa Vista] ficam direto aqui. (Roraima em Tempo, 07/03/19)

Ex.⁵⁰: Las ochenta, venezuelanas que se prostituem nas ruas de Boa Vista. (Portal UOL, 31/03/2018)

PARIXARA (PARICHARA)

É um substantivo masculino emprestado da língua macuxi e designa uma dança ritualística e tradicional dos povos macuxi. Assim como outros indigenismos, o nome já está registrado por Koch-Grünberg (1916, vol. 2).

Ex.⁵¹: Uma das mais tradicionais manifestações artísticas dos povos indígenas, a dança parixara reúne elementos musicais e corporais como forma de culto à colheita e caça.

PEPITO

É um substantivo masculino emprestado do espanhol e designa um tipo de sanduíche consumido na Venezuela, que foi incorporado aos hábitos culinários do roraimense, sendo vendido principalmente em lanchonetes gerenciadas por venezuelanos espalhadas pela capital.

O sanduíche ‘pepito’ é composto de um pão recheado com carne, frango ou a mistura entre as duas opções, acompanhado de molhos e verduras. Alguns exemplos de usos desta unidade foram encontrados em textos publicitários:

Ex.⁵²: Venha para o S. P. B. RR e conheça nossos hambúrgueres, Pepito e molhos com os melhores preços (Facebook, 24/03/2018)

Ex.⁵³: Taxa de entrega R\$ 1,00 o melhor pepito da cidade [...] (Facebook, 22/03/2020)

Existe ainda o sintagma ‘pão de pepito’ para se referir a uma espécie de pão próprio para o preparo do sanduíche venezuelano, como se lê no cardápio de algumas lanchonetes da capital, disponível no aplicativo Uber Eats (data da consulta 20/04/2021). O fato de esse alimento ser ofertado com o nome emprestado do espanhol e não causar estranheza no falante roraimense, demonstra que essa palavra já está incorporada ao vocabulário local.

VENECO(A)

É uma palavra que pode funcionar como adjetivo ou substantivo, sua escrita se assemelha ao padrão morfofonológico da língua portuguesa, inclusive o mesmo sentido depreciativo do sufixo ‘-eca/-eco’ (padre/padreco, jornal/jornaleco etc.), sendo um caso de convergência formal entre duas línguas de mesma filogenia.

No contexto roraimense, em período anterior à intensificação do fluxo migratório, o termo, aqui apresentando a variação ‘veneca’, fazia referência, de maneira informal ou abreviada, ao país vizinho ou aos que residiam na cidade fronteiriça de Santa Elena de Uairén, brasileiros ou estrangeiros, bem como aos seus descendentes (DOS SANTOS, 2011).

Com a imigração venezuelana ao estado e dada sua vulnerabilidade social e econômica, esse grupo passou a povoar os abrigos humanitários e as ruas da capital, desenvolver inúmeras funções para sobrevivência (sendo contratados por valores inferiores) e sobrecarregar os serviços de saúde e educação (agravando a situação local), o que gerou inúmeros atritos entre brasileiros e venezuelanos. Em consequência disso, uma parte da população boa-vistense passou a enxergá-los de forma estereotipada e difundiu o uso de ‘veneca’, cuja significação é negativa e reforça a visão de que a presença do imigrante é danosa ao estado.

Além de conversas cotidianas informais, as redes sociais mostram o mesmo cenário de utilização do termo, que quase sempre está restrito aos webcomentários, justamente por ser uma palavra que remete a atitudes xenofóbicas, como se lê no exemplo seguinte:

Ex.⁵⁴: A prefeita tá acabando com a nossa cidade, várias lojas sendo saqueada pelos veneca dela. (Facebook, 13/04/2020)

Ex.⁵⁵: Pqp agora que a prefeita vai dá casa, comida e roupa lavada pros veneca. (Facebook, 25/08/2017)

A não concordância de número reforça a ideia de que essa palavra surgiu na informalidade, repetindo inclusive a não marcação típica da oralidade.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa apresenta um quadro da neologia no português de Roraima, para tanto analisa um corpus pequeno, representativo e oriundo principalmente do âmbito virtual (jornais e redes sociais), e defende a ideia de que os neologismos são determinados pelas práticas sociais, em que os interlocutores negociam novas configurações e unidades lexicais.

Os neologismos presentes no português de Roraima distribuem-se entre próprios, aqueles que só ocorrem no falar local, e típicos, aqueles que são compartilhados também por outros falares da região Norte. Nessa distribuição, prevalecem as palavras típicas, o que demonstra a ligação do falar roraimense com outros falares nortistas. Dos 27, apenas 10 são próprias: caroteiro, tanqueiro, pampeiro, roraimado/a, lavrado, macuxi, ochenta, pepito e veneca – palavras que apontam para realidades sociais de Roraima.

O padrão neológico do português de Roraima é o formal, em que novas palavras são criadas com base em regras já produtivas no sistema linguístico, o que confirma o acionamento do princípio da analogia.

Os empréstimos são oriundos do contato linguístico com o indígena e o venezuelano, cujo aporte social são as palavras ligadas à culinária. A entrada de espanholismos é facilitada, para além da imigração venezuelana, pelas similaridades gramaticais entre as duas línguas.

Quanto aos indigenismos, esses são muitos, originários do tupi e já catalogados pelos dicionários gerais de língua portuguesa. Contudo, são poucos os indigenismos de línguas indígenas locais, o que se deve possivelmente às políticas de colonização e ocupação do espaço roraimense, que produziu não só um silenciamento da voz indígena na documentação colonial, mas também reduzir ao mínimo possível a presença das línguas nativas no léxico do português local.

Este estudo não identifica anglicismos no falar local, apesar de Roraima fazer fronteira com a Guiana, país onde se falam diversas línguas e o inglês como oficial.

O cotejo das informações coletadas com as dicionarizadas mostra que os verbetes dos DGLP trazem algumas incongruências, como datação equivocada e indicação errada de rubrica/localização.

REFERÊNCIAS

- ALVAR EZQUERRA, M. **La formación de palabras en español**. Madrid, España: Arco Libros, 1999.
- ALVES, I. M. **Neologismos**. São Paulo: Ática: 1994.
- ALVES, I. M. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação lingüística. **Alfa**, São Paulo, 40, p. 11-16, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3992>>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- BARBOSA, R. I. Expedições naturalistas e exploratórias na construção histórica do Vale do Rio Branco. **Mens Agitat**, v. 5, p. 157-164, 2010. Disponível em: <<http://mensagitat.org/data/documents/V5-1-e-2-2010.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2022
- BARBOSA, R. I. Ocupação Humana em Roraima II. Uma revisão do equívoco da recente política de desenvolvimento

- e o crescimento desordenado. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.**, Belém, v. 9, n. 2, p. 177-197, 1993. Disponível em: <<https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/467>>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- BASILIO, M. M. P. O papel da metonímia na morfologia lexical. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 9, p. 99-117, 2011. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_5_o_papel_da_metonimia_na_morfologia_lexical.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- CABRÉ, M. T. **Terminology: Theory, Methods, and Applications**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1999.
- CÂMARA Jr., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- CARVALHO, N. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.
- CORREIA, M. Neologia e Terminologia. In: MATEUS, M. H. M.; CORREIA, M. **Terminologia: questões teóricas, métodos**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1998. Disponível em: <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/1998-mcorreia-neologia_terminologia.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- ESTORNELL, M. **El reconocimiento de neologismos y su caracterización en un corpus de prensa escrita (2004-2007)**. Tese (Doutorado em Filologia Espanhola) - Universidade de Valência, Espanha, 2009. Disponível em: <<https://www.tdx.cat/handle/10803/9827>>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- GANANÇA, J. H. Neologia e neologismos no português brasileiro: principais ideias. **Revista GTLex**, v. 4, n. 1, p. 33-53, 2020. DOI: <<https://doi.org/10.14393/Lex7-v4n1a2018-2>>
- GUILBERT, L. Théorie du néologisme. **Cahiers de l'Association internationale des études francaises**, n. 25. p. 9-29, 1973. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/caief_0571-5865_1973_num_25_1_1020>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- HARTMANN, R. R. K.; JAMES, G. **Manual of specialized lexicography**. London/ New York: Routledge, 1998. DOI: <<https://doi.org/10.4324/9780203017685>>
- JESUS, A. M. R. Tipologias dos neologismos: breve percurso histórico. **GTLex**, Uberlândia, vol. 4, n. 1, p. 54-67, 2018. DOI: <<https://doi.org/10.14393/Lex7-v4n1a2018-3>>
- KOCH-GRÜNBERG, T. **Vom Roroima zum Orinoco**. Cambridge: University Press, 2009 [1916]. Vol. 2.
- LUCIANO, G. S. **O Índio Brasileiro**. Brasília: MEC-SECAD/Museu Nacional-LACED, 2006.
- MATIELLO, E. **Analogy in word-formation**. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2017. DOI : <<https://doi.org/10.1515/9783110551419>>
- NIKLAS-SALMINEN, A. **La lexicologie**. 2 ed. Paris: Armand Colin, 2015 [1997].
- ONU/CONARE/ACNUR. **Refúgio em números**. 4ª ed. Brasília: Ministério da Justiça, 2020. 46f. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-nu%CC%81meros_versa%CC%83o-23-de-julho-002.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- PIEL, J-M. Origens e estruturação histórica do léxico português. **Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa**, Lisboa: IN-CM, pp. 9-16, 1989 [1976]. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/origens_lex_port.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- ROSA, M. C. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2009.
- SABLAYROLLES, J-F. ¿Neologismo o no? Ensayo de clarificación de algunos problemas de incorporación. **Revista de Investigación Lingüística**, Murcia, n. 12, p. 101-122, 2009. Disponível em: <<https://revistas.um.es/ril/article/view/91271>>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- VARO, C. Aproximación teórico-práctica al procesamiento lingüístico de neologismos léxicos. **Revista Signos**, v. 46, n. 81, p. 132-152, 2013. DOI: <<http://dx.doi.org/10.4067/S0718-09342013000100006>>